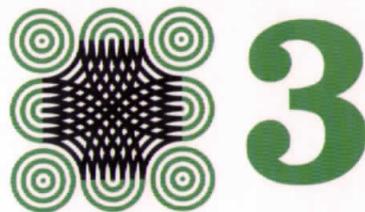


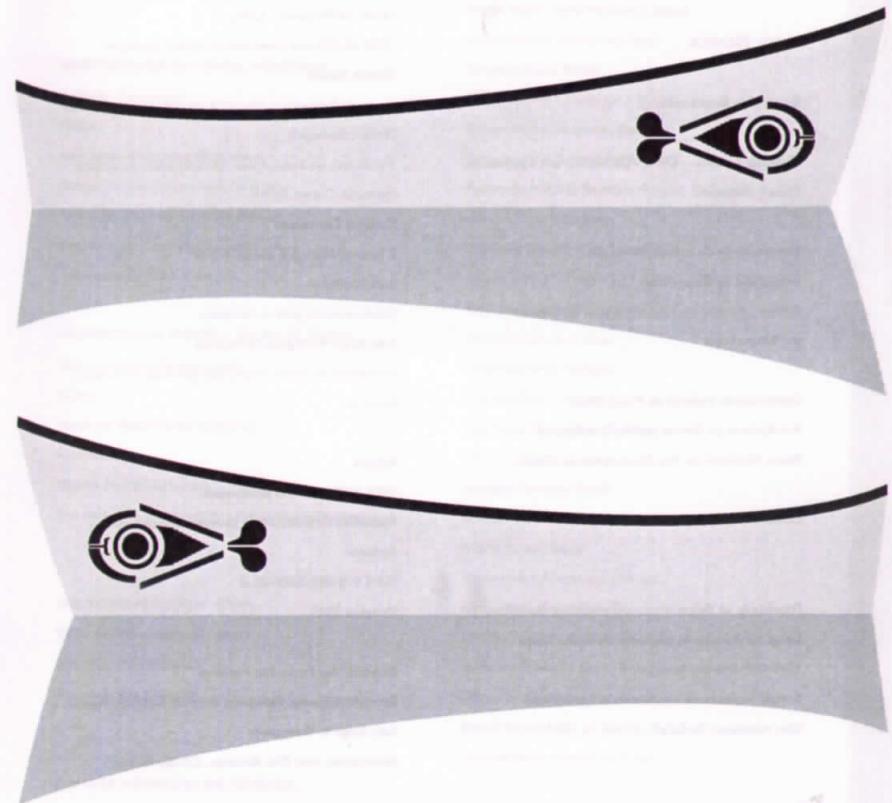


Revista Vox Musei

Cultura  
Fluvial  
e Marítima



**MVSEI**  
ARTE E PATRIMÓNIO



Congresso Internacional: Cultura Fluvial e Marítima  
Património, Museus e Sustentabilidade / Sesimbra 2013

## Uma proposta de desenvolvimento humano assente na Cultura Fluvial Avieira

### A proposal of human development based on Avieira Fluvial Culture

João Manuel Monteiro Serrano

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade de Évora. Atualmente, desempenha funções no Instituto Politécnico de Santarém, como coordenador do projeto de candidatura da cultura Avieira a património nacional e criação de um novo destino turístico em Portugal, baseado no rio Tejo e na cultura Avieira.

**Resumo:** No segundo quartel do século XIX, os pescadores Avieiros e as suas famílias procuraram e encontraram no rio Tejo o sustento que o oceano lhes negava no Inverno. Enfrentaram o inimaginável e construíram uma comunidade culturalmente inimitável. Perpetuaram os valores que trouxeram da origem, - a Praia da Vieira de Leiria -, e edificaram um património que testemunha a sua luta pela afirmação e pelo reconhecimento, actualmente em processo de candidatura a património nacional imaterial.

**Palavras-chave:** Património Cultural. Memória. Ensino. Identidade. Sustentabilidade.

**Abstract:** In the second quarter of the nineteenth century, Avieiros fishermen and their families sought and found in the Tagus river what the ocean denied them in winter. Facing the unimaginable, they settle down and built there a cohesive and culturally inimitable community. They perpetuated the values brought from their origins, the beach of Vieira de Leiria - in the central west coast -, and structured a cultural building that witness their struggle for affirmation and recognition, currently running in a research process with the objective of submission for national intangible heritage.

**Keywords:** Cultural Heritage. Memory. Education. Identity. Sustainability.

*Nómadas do rio, como os ciganos na terra, tinham vindo da Praia da Vieira e faziam vida à parte: chamavam-lhes avieiros.*

*Nunca ouvira falar de semelhante gente.*

(Alves Redol: *Avieiros*, 1942)

### Introdução

Os Avieiros constituem-se como uma comunidade piscatória, cujos ancestrais emigraram da Praia de Vieira de Leiria no segundo quartel do século XIX para

se fixarem nas margens do rio Tejo. Os primeiros registos conhecidos da sua fixação datam de 1833, e foram recolhidos numa investigação realizada nos arquivos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santarém (VÉSTIA, RAFAEL, 2012). Aí se revelaram algumas das localidades de proveniência dos primeiros pescadores: Lavos, Ílhavo, Tocha, Vagos, Ovar, Figueira da Foz, Aveiro e, em grande número, Vieira de Leiria. Aí também se registaram nomes como os Charana, Tocha, Petinga, Lobo, Rabita, Vieira... Estão associados ou à proveniência dos pescadores - Pelarigo, Tocha, Mira, Lameira, Vieira de Leiria - todas povoações do litoral central português (BRANDÃO, 2002, 2009), ou à identificação com homónimos avieiros que hoje habitam as aldeias e as povoações próximas para onde se deslocaram entretanto - Lobo, Petinga, Cosme, Tomás... Estão hoje estabelecidos ao longo do Tejo, desde a Póvoa de Santa Iria até Abrantes, assim como na foz do Sado, em Alcácer do Sal.

A pesquisa antropológica em curso (NUNES, 2009) revela as ligações entre homónimos e famílias e define a sua localização ao longo do Tejo e do Sado, onde todos são aparentados.

Por razões culturais, o casamento só era permitido entre os elementos da própria comunidade Avieira. Por isso, ainda hoje aí se apresentam "níveis de solidariedade familiares consideravelmente mais intensos que as populações limítrofes, herdeiros que são de modelos comunitários de mais tardia transformação" (LOPES, SERRANO, 2009).

Estes homens e estas mulheres estão na origem de uma das mais originais afirmações culturais nacionais (GIRÃO, 1951), baseada nos laços familiares e noutros traços culturais relevantes - materiais e imateriais - como o barco, a casa palafítica, as artes de pesca, a gastronomia, a fala, a religiosidade, o traje, o folclore, os aldeamentos e outros, numa densa nuvem que actualmente está na fase de caracterização sistemática, de acordo com os princípios metodológicos da investigação-acção, que permitirão fundamentar a proposta de candidatura da cultura Avieira a património nacional imaterial.

### 1. O barco Avieiro

O barco foi, como ainda é, o centro da vida Avieira, considerado como o instrumento decisivo para assegurar a subsistência familiar e comunitária. Os Avieiros sempre dependeram de si próprios para construir as suas embarcações. Os barcos oferecidos no dote - considerado obrigatório para o homem - eram construídos pelos pais do noivo, ou por familiares muito próximos. Não raro, eram o único pertence das novas famílias.

Quando chegaram ao Tejo, adaptaram-no para aí habitar permanentemente. Autores como de Oliveira *et al* (1988) consideram-no como uma habitação primitiva.

Nele dormiam, à proa, cobertos por um toldo, sempre que precisavam de se deslocar para seguir os cardumes errantes, ou quando ainda não possuíam casa,



Fig. 1 - O barco como instrumento e centro da vida familiar Avieira.

ou barraca, própria. A ré era, como ainda hoje é, o local de reparação das redes, funcionando assim como oficina. No centro da embarcação, junto à emparadeira, cozinhavam as refeições durante o dia e, à noite, era aí que dormiam os filhos. A divisão destas áreas foi tão bem definida que na actualidade ainda há embarcações onde as famílias proprietárias decidiram identificá-las por cores.

Para completar essa característica peculiar, decidiram também identificar a embarcação pelo seu colorido exterior, pintando os barcos de acordo com os gostos familiares. Com esse acto de escolha e aplicação de cores se individualizava o reconhecimento por parte das outras famílias da comunidade, e se afirmava uma vontade particular de afirmação, conforme com uma gramática própria, com significados e intencionalidades próprias (SERRANO, 2012) (DIAS, 2013).

Por último, mas não por fim, os Avieiros prestam honras aos seus mortos fazendo esculpir embarcações em campas mortuárias. Para Lopes e Serrano, representam "nas lápides dos túmulos [...] motivos relacionados com a actividade piscatória (barcos, redes, remos, canastras e peixes) com que o defunto trabalhou em vida, sendo o barco [...] o símbolo mítico que, mais frequentemente, acompanha o homem para o Além" (LOSPES, SERRANO, 2009) (Figura 2).

## 2. A casa palafítica

A construção das casas palafíticas ocorreu quando as condições de vida dos Avieiros melhoraram o suficiente para que pudessem comprar materiais leves de construção, nomeadamente madeiras. À semelhança do barco, as casas eram feitas pelos próprios pescadores, com técnicas aprendidas na Praia de Vieira de Leiria. No litoral, as casas – ou palheiros – eram construídas assentes em estacaria, no areal. Aqui, o assentamento em pilares permitia evitar que as areias das praias, trazidas pelos ventos, as cobrissem.

Nas margens do Tejo, as casas – aqui chamadas barracas – são também assentes em estacas, ou palafitos, mas para evitar que as cheias as destruam. O interior é simples, pequeno e funcional, composto por uma sala – que serve de cozinha – e dois quartos, um para o casal e outro para as crianças. Por cima dos quartos localiza-se uma arrecadação, onde são guardadas redes e instrumentos de trabalho. A arquitectura tem a mesma matriz, no litoral e no Tejo.

O exterior também é muito simples. O acesso ao interior da habitação é garantido por uma escada. As paredes de madeira ganham consistência com a aposição vertical de ripas de madeira, para colmatar as frestas que resultam das imperfeições da madeira (Figura 3).

As tábuas eram adquiridas em serrações e escolhidas as que provinham dos primeiros cortes dos troncos de pinho, trazendo por isso muitas imperfeições. O problema resolvia-se, aplicando as tábuas na construção das paredes e vedando as fendas com a aplicação de ripas de pinho, para tapar as brechas. Tal procedimento, comum praticamente a todos os palheiros do litoral central português



Fig. 2 - Placa mortuária de José Fernandes, pescador Avieiro, e família. O túmulo está localizado no cemitério de Alpiarça. Alto-relevo com barco e peixes.

Fig. 3 - Barraca de Escaroupim (Salvaterra de Magos).

(DE OLIVEIRA, GALHANO, 1964), acabou por conferir um traço e uma beleza inconfundíveis a estas habitações vernaculares.

À semelhança do barco, o exterior é pintado com cores escolhidas pelas famílias dos pescadores, que fazem correspondê-las às cores das embarcações, pelas mesmas razões já apontadas, aqui também se necessitando de uma gramática própria para interpretar o significado verdadeiro das escolhas (SERRANO, 2012).

Dos cerca de oitenta assentamentos Avieiros existentes em meados do século XX, testemunhados pela investigadora Micaela Soares (2014), subsistem as aldeias Avieiras de Porto da Palha (Azambuja), Palhota (Cartaxo), Escaroupim (Salvaterra de Magos), Caneiras (Santarém), Patação (Alpiarça) e Azinhaga (Golegã). Estamos em presença da única cultura palafítica fluvial da Europa, com casas palafíticas aglomeradas em aldeias – muitas delas ainda vivas – aguardando do restauro e valorização.

### 3. As artes de pesca

No início do século XIX vieram atraídos pelo chamamento do peixe, especialmente o sável, com alto valor comercial no mercado de Lisboa (ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, 1916), à época e ainda hoje. Vieram na altura em que as espécies piscícolas eram abundantes no rio Tejo, o “jardim de peixe” como então o consideravam. Vieram porque o período migratório do sável, e da sua extraordinária abundância, correspondia aos meses de inverno – Janeiro a Março –, na mesma altura em que o mar da Praia da Vieira de Leiria não lhes permitia pescar.

Fugiam à fome e à enorme dureza que o litoral oceânico lhes impunha para praticar a sua forma de pescar no litoral marítimo, de cerco e alimento para terra, ou Arte-Xávega. Assim o praticaram no rio Tejo desde meados do século XIX até meados do século XX. De tal forma foi o sável abundante nos meses de inverno que as formas de pescar eram semelhantes às praticadas no mar, com o mesmo tipo de redes, lançadas por *companhas* de vários homens e recolhidas a partir das praias, ou mouchões, do Tejo (BENTO, 1987) (Figura 4).

Com o tempo e à medida que foram conhecendo os ecossistemas complexos do rio, e as várias espécies aqui existentes, foram aplicando novas técnicas de captura, de que resultaram redes próprias para cada local. Como consequência, criaram um conjunto de artes distintas, como as de rede, de armadilha e de anzol (BENTO, 1987).

Aparelhos como o tresmalho e os tapa-esteiros; redes envolventes, como a varina, a camaroeira, as armadilhas e a tarrafa, entre muitas outras, fazem parte de um vasto conjunto de instrumentos de trabalho produzidos para garantir a captura das espécies piscícolas existentes. Todos estes instrumentos foram e são produzidos pelos avieiros e pelas suas mulheres. Tornaram-se especialistas – eles e elas – na produção destes elaborados aparelhos, ao longo de décadas de experiência de pesca no Tejo.



Fig. 4 - Pesca no Tejo com Arte-Xávega adaptada, em 1941 ou 1942.

Fig. 5 - Casal de Avieiros veteranos no finalde uma pescaria, com uma lampreia.

#### 4. A gastronomia

Cada Avieiro consegue afirmar-se pelo menos por um traço distintivo em relação ao conjunto dos seus pares. Em cada assentamento procuram apresentar traços específicos distintivos – pessoais ou familiares – dos traços próprios existentes nos outros assentamentos. Isso ajuda a explicar, por exemplo, que cada pescador tenha a sua própria maneira de construir o seu barco ou a sua casa, embora fiéis à matriz originária.

Da mesma forma, em cada aldeamento há uma maneira de construir o almanaque culinário, baseado na tradição, na maneira de fazer não-escrita e transmitida de geração para geração. Os homens cozinham tão bem quanto as mulheres, e fazem questão de o manifestar. Com o trabalho de investigação em curso pretende-se atingir o objectivo de editar o Atlas Gastronómico dos Avieiros. Pretende-se que o “receituário culinário seja constituído por receitas do dia-a-dia, em casa e no barco”.

Para os investigadores, com base no levantamento de campo das receitas Avieiras nas diversas zonas será efectuado o levantamento das características nutricionais antes e depois de cozinhado, tendo em conta o modo de preparação e analisada a distribuição de padrões alimentares nas várias zonas Avieiras do Tejo e Sado, ao longo dos tempos (Figura 5).

São muito variadas as receitas recolhidas até à data. Exemplifica-se com a sopa de sável e sável assado na brasa; enguias fritas, enguias de escabeche, caldeirada de enguias e enguias de fricassé; arroz de sável com ovas de sável e lampreia com arroz de lampreia; sopa de linguados e linguados de fricassé; fataça na telha, jardineira de polvo e caldeirada, de entre outras, inúmeras e saborosas, e em fase de recolha e organização.

É uma gastronomia baseada nos recursos do rio Tejo e dos seus afluentes, confeccionada por homens e mulheres ao longo de gerações. Representa algo muito comum às tradições ribeirinhas do Tejo, usos e costumes passados, ligados à terra, ao rio e à natureza, adaptando-se às condições do meio e acrescentando um valor que só as comunidades com fortes tradições culturais possuem.

#### 5. Uma proposta de desenvolvimento humano assente na cultura fluvial Avieira

A partir do Instituto Politécnico de Santarém, está a construir-se um projecto de desenvolvimento humano, tendo como âncora a candidatura da cultura Avieira a património nacional imaterial, de acordo com quatro condições.

A primeira condição é a do investimento produtivo, obrigatório para criar uma Rota Turística e Cultural com base no Tejo, na cultura Avieira e nos traços atrás evidenciados. A segunda condição é a de se continuar a desenvolver o projecto educativo da cultura Avieira, pelo qual as crianças e as comunidades educativas ribeirinhas são convidadas a envolver-se no (re)conhecimento

da cultura Avieira. A terceira condição é que se reúnam as vontades das entidades regionais para construir um modelo assente na cooperatividade, que permita aproveitar o projecto de uma forma integrada, com base no restauro das aldeias Avieiras e no seu património. A quarta condição, que se aproxima do conceito de museu vivo, visa mobilizar as comunidades piscatórias ribeirinhas do Tejo para dar a conhecer os seus usos, costumes, e aspectos dos seus traços materiais distintivos, interagindo com os visitantes.

O contacto com as memórias vivas Avieiras – com os seus 16 porta-vozes da memória já eleitos nas comunidades, homens e mulheres, patriarcas e matriarcas, um de cada comunidade –, a aprendizagem que resulta do convívio com os membros desta sociedade matrifocal, os utensílios, as casas palafíticas restauradas, a mostra do saber-fazer organizado, a gastronomia, os recursos do rio, a paisagem natural – desconhecida e irrepetível – do rio Tejo, são vários dos traços distintivos singulares, no contexto do mosaico cultural Português e Europeu.

Trata-se de um investimento e de uma investigação multidimensional em curso, onde as componentes - material e imaterial - não se dissociam e se interpenetram, para que as bases estruturais da cultura Avieira, consubstanciadas nas memórias e nos instrumentos, possam dar-se a conhecer ao mundo, sempre com a proximidade e a participação dos membros de todas as comunidades piscatórias Avieiras, e das suas associações eleitas e representativas.

As memórias, as tradições e os legados materiais agora apresentados, são o cimento aglutinador de experiências comunitárias, e devem constituir-se como garantia de evolução, adaptabilidade e perenidade culturais, assim como de sustentabilidade.

Estas interações entre cultura e património são uma parte integrante dos fundamentos de uma renovada cultura organizacional construída de acordo com os princípios do altruísmo, da filantropia e a da cooperatividade. Daí concordarmos com Martins (2009) quando considera que o desenvolvimento humano é indissociável do património e “não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência” e com uma renovada atitude.

A investigação actualmente em curso assenta nos pilares apresentados e é realizada por equipas multidisciplinares, coordenadas pelo Instituto Politécnico de Santarém. Os seus resultados fundamentarão a candidatura a património nacional e apresentarão propostas fundamentadas de intervenção para garantir a valorização desta cultura e a preservação da sua autenticidade. Abrir-se-á a possibilidade de um conjunto de novas investigações, referentes às ligações culturais e patrimoniais com a cultura da Arte-Xávega, do litoral central Português.

## Referências

- BENTO, Carlos Lopes. “As tecnologias tradicionais de pesca em Portugal. O caso concreto das comunidades piscatórias dos Avieiros dos rios Tejo e Sado”. In: *Que Tejo, Que Futuro?*, Vol. II.,

Lisboa: Associação dos Amigos do Tejo, p. 153-165, 1987.

BRANDÃO, Raul. *Os Pescadores*. Porto: Porto Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Praia de Mira: Os Pescadores*. [1.ª Edição 1923]. Mira: Edição do Centro de Estudos do Mar e da Câmara Municipal de Mira, 2009.

DE OLIVEIRA, Ernesto Veiga, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim. *Construções Primitivas em Portugal*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1988.

\_\_\_\_\_, GALHANO, Fernando. *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1964.

DIAS, Fernando Simões. *O Barco Avieiro*. Lisboa: Âncora Editora. [No prelo], 2013.

GIRÃO, Amorim. *Geografia de Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1951.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA. “A Pesca do Sável”. Lisboa, 31 de Janeiro de 1916, II Série, n. 519, p. 158-60, 1916.

LOPES, Aurélio, SERRANO, João Monteiro. *A Reconstrução do Sagrado. Religião Popular nos Avieiros da Borda d'Água*. Lisboa: Âncora Editora, 2009.

MARTINS, Guilherme de Oliveira. *Património, Herança e Memória. A Cultura Como Criação*. Lisboa: Gradiva, 2009.

NUNES, Hermínio. “Os pescadores da Praia de Mira e os pescadores da Praia da Vieira (Raízes e Relações)”. Mira: Comunicação apresentada nas VII Jornadas Culturais da Gândara. Câmara Municipal de Mira, 2009.

REDOL, Alves. *Avieiros*. Mem-Martins, Publicações Europa América, s/d.

SERRANO, João Monteiro. “A afirmação nacional da cultura Avieira. A bateira como factor identitário”. In: Soares, Maria Micaela [Coord.]. *Boletim Cultural* n. 92, p. 89-104. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa, 2012.

SOARES, Maria Micaela. *Retalhos da Epopeia Avieira*. Lisboa: Âncora Editora. [No prelo], 2013.

VÉSTIA, Maria de Lurdes, RAFAEL, Emídio. *Avieiros, Dores e Maleitas*. Lisboa: Âncora Editora, 2012.

Contactar o autor: ipsavieiros@gmail.com

## Editorial

Área da Paz Pinheiro

pág. 18-25

## Artigos

Patrimônio, Museus, Cultura Marítima e Fluvial  
Heritage, Museums, Maritime and Fluvial Culture

Luis Jorge Rodrigues Gonçalves

e Área da Paz Pinheiro

pág. 28-37

O patrimônio ambiental das cidades-beira

Roncador-GO, Guadalupe-PI, Remanso-BA  
e seus destinos históricos

The environmental heritage of border-cities:  
Roncador-GO, Guadalupe-PI, Remanso-BA  
and its historical destinations

Gercinair Silvério Gandara

pág. 38-45

A influência do mar na visão museológica

de Ramalho Ortigão

The influence of sea on Ramalho Ortigão's  
museumological concept

Alice Nogueira Alves

pág. 46-55

A Praia dos Prodígios. O que o rio traz

à obra de Lagoa Henriques

Praia dos Prodígios. What the river brings  
to the work of Lagoa Henriques

Rita Nobre de Carvalho

pág. 56-64

Tratados de construção naval ibéricos

nos séculos XVI e XVII

Iberian Treatises of Shipbuilding in the sixteenth  
and seventeenth centuries

António Teixeira e Brígida Baptista

pág. 65-74

As três confrarias marítimas de Sesimbra

num Regimento de 1563

The three sea fraternities from Sesimbra

in a Regiment of 1563

Fernando Alberto Gomes Pedrosa

pág. 75-83

Transformações nas armações de pesca

de Sesimbra, no século XIX

Changes in the fisheries of sesimbra, during  
the 19th century

João Augusto Almeida

pág. 84-91

Uma proposta de desenvolvimento humano

assente na Cultura Fluvial Avieira

A proposal of human development based  
on Avieira Fluvial Culture

João Manuel Monteiro Serrano

pág. 92-101

Rio abaixo, rio arriba. Patrimônio e tradição

ribeirinha no Meio Norte do Brasil

River below rio arriba. Heritage and tradition

in the Middle Riverside Northern Brazil

Rita de Cássia Moura Carvalho

pág. 102-112

Os Espelhos de uma vila de pescadores

The mirrors of a fishing village

Luis Martins e João Augusto Almeida

pág. 113-119

Caracterização do ambiente natural e cultural dos

catadores de caranguejo da RESEX Delta do Parnaíba

Characterizing and defining the environment and

the cultural life style of the crab-pickers within the Delta  
of Parnaíba RESEX

Ana Helena Mendes Lustosa

pág. 120-130

Tradição oral e patrimônio cultural na Ilha

das Canárias, Brasil

Oral tradition and cultural heritage in Canary

Island, Brazil

Marta Gouveia de Oliveira Rovai

pág. 131-137

Área de Proteção Ambiental Delta do Rio Parnaíba,

Brasil: importância biológica e socioeconômica para

as comunidades ribeirinhas

Environmental Protection Area of Parnaíba River Delta,

Brazil: biological and socio-economic importance for  
riverside communities

Silmara Erthal

pág. 138 -147

Arquivos de Memória

Memory Archives

Ana Duarte

pág. 148 -156

Patrimônio ambiental da Ilha Grande, Piauí, Brasil

Environmental Heritage the Ilha Grande, Piauí, Brazil

Francinalda Rodrigues Rocha

pág. 157-164

APA Delta do Parnaíba e o Peixe-Boi

APA Delta of Parnaíba and the manatee

Patrícia dos Passos Claro

pág. 165-172

O Brasil em defesa do patrimônio histórico, artístico,

arqueológico e natural

Brazil in defense of the historical, artistic, archaeological

and natural heritage

Valério Rosa de Negreiros e Área da Paz Pinheiro

pág. 173-180

Proteção e salvaguarda do patrimônio

cultural subaquático

Protection and safety of underwater cultural heritage

Isolanda Cristina Barreira Pereira

pág. 181-187

O restauro da Fortaleza de Sagres no Estado Novo

The restoration of the Fortress de Sagres

during Salazar's New State

Pedro Figueiredo Tavares da Silva

pág. 188-196

Patrimônio, cultura e sustentabilidade: construção

identitária e social através dos festejos no litoral sul

do Rio Grande do Sul, Brasil

Heritage, culture and sustainability: identity

construction and social celebrations across the south

coast of Rio Grande do Sul, Brazil

Rosemar Gomes Lemos

pág. 197-205

Ecoturismo, patrimônio natural e cultural na

cidade de Parnaíba, Piauí, Brasil

Ecotourism, natural and cultural heritage in the city

of Parnaíba, Piauí, Brazil

Edvania G. de Assis e Francisco P. da Silva Filho

pág. 206-212

## Museus e Instituições de Arte e Cultura

Museus Marítimos. A urgência de projectos culturais

Maritime Museums. The urgency for cultural projects

José Augusto da Costa Picas do Vale

pág. 214-223

Embarcações Tradicionais do Brasil: patrimônio e

memória no Museu Nacional do Mar

Traditional Ships from Brazil: heritage and memory

in the National Museum of the Sea

Andrea Oliveira

pág. 224-228

Museu Etnográfico da Praia de Mira

— Trabalho desenvolvido na comunidade

Ethnographic Museum of Praia de Mira

— Community based-work

Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Mira

pág. 229-235

A Rede de Museus do Mar de Esposende

— um projeto de agregação da cultura costeira

Network of Museums of Esposende

— A project to the aggregation of seaside culture

Ivone Magalhães e Elsa Teixeira

pág. 236-243

Fluviário de Mora – O Património Natural

Dulciaquícola como promotor de Patrimónios

Culturais e de Desenvolvimento Regional

Fluviário de Mora – The Natural Freshwater heritage

as a mean to promote Cultural Patrimony,

and Regional Development

José Manuel Ribeiro Pinto e João Pimenta Lopes

pág. 244-250

Núcleo Museológico da Pesca do Atum

Museum of the Tuna Fishing

César Emanuel Alvito Gaspar

pág. 251-260

O Museu Municipal da Póvoa

de Varzim e a preservação da memória

da comunidade marítima

The Municipal Museum of Póvoa de Varzim

and the preservation of the memory

of the maritime community

Deolinda Maria Veloso Carneiro

e José Manuel Flores Gomes

pág. 261-272

Museu do Trabalho Michel Giacometti:

entre o edifício e a comunidade – projectos

que estreitam relações

Museum of Work Michel Giacometti;

the museum and its communities – projects

that reinforce relationships

Maria Miguel Cardoso

pág. 273-279

Círios dos marítimos de Alcochete

Alcochete boatman festivity

Marto da Cunha Alves

pág. 280-289

O Museu da Nazaré nas representações do mar.

Participação e revisão identitária da comunidade

The Museum of Nazaré in the representations of the sea.

Engaging the community and reviewing identity

Dóris Santos

pág. 290-296

Trabalhar com e para as comunidades: reflexão sobre

a experiência do Ecomuseu Municipal do Seixal

no âmbito da temática marítima

Work with and for the communities: thinking about

maritime heritage in the Ecomuseu Municipal do Seixal

João Martins

pág. 297-304

## Resenha

Terra Tecida: o cinema documental como

registro de experiências culturais

José Luís de Oliveira e Silva

pág. 306-308

Mares de Sesimbra – História, Memória e Gestão

de uma Frente Marítima em torno de “A Indústria da

Pesca em Sesimbra” de Baldaque da Silva (1897)

Carlos Alberto Salsugem

pág. 309-310

## Crítica de Arte e Design

A mari usque ad mare

Do mar para o mar

Ana Rita Antunes

pág. 312-315

Olho de peixe

Jorge dos Reis

pág. 316-317

## Entrevista

História da Arte, Arqueologia, Património

e Museologia

Luís Jorge Rodrigues Gonçalves

pág. 320-326

## Memórias

Memórias de investigação em uma Comunidade

de Pescadores Tradicionais no Litoral do Piauí, Brasil

Fábio José Lustosa da Costa Ferreira

pág. 328-336

## Notas de Dissertação e Tese

Discursos de Memória, Expectativa e Identidade:

o fazer cinematográfico de *Cipriano* e o agenciamento

das imagens do sertão na cultura piauiense

(1997-2003)

José Luís de Oliveira e Silva

pág. 340-341